



# Rose Wilder Lane, Isabel Paterson e Ayn Rand<sup>1</sup>

Jim Powell

*Tradução: Carlota Pignatelli Garcia  
Pedro Almeida Jorge*

## Introdução

No início dos anos 40 do século passado, a liberdade encontrava-se em total retrocesso. Tiranos oprimiam e ameaçavam as populações em todos os continentes. Intelectuais ocidentais encobriam assassinos em massa como Josef Estaline, e governos ocidentais expandiam o seu poder por meio do planeamento central ao estilo soviético. Cinquenta milhões de pessoas foram mortas na guerra que deflagrava na Europa, em África e na Ásia, e os Estados Unidos, aparentemente a última esperança de liberdade, envolveram-se no conflito.

Autores americanos conhecidos que defendessem a liberdade eram uma espécie em vias de extinção. H.L. Mencken tinha-se afastado da política para escrever as suas memórias, enquanto outros como Albert Jay Nock e Garet Garrett se atolavam em pessimismo.

Nesta pior das épocas, três mulheres arrojadas recusaram o medo. Ousaram declarar que o coletivismo era maligno. Defenderam os direitos naturais, a única filosofia que oferecia a base moral para a oposição a toda e qualquer tirania. Perspetivaram um futuro em que se pudesse novamente ser livre. Expressaram um otimismo vibrante, que viria a inspirar milhões.

Todas elas eram forasteiras que transcenderam proveniências difíceis. Duas eram imigrantes. Uma nasceu em território fronteiriço, que ainda não fazia parte dos Estados Unidos. Debateram-se por fazer dinheiro enquanto escritoras, em mercados comerciais dominados por adversários ideológicos. Todas elas ficaram pobres em algum momento

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente como "[Rose Wilder Lane, Isabel Paterson, and Ayn Rand: Three Women Who Inspired the Modern Libertarian Movement](#)", 1996. Jim Powell é Senior Fellow no Cato Institute. Escreveu para o *New York Times*, *Wall Street Journal*, *Barron's*, *American Heritage*, e mais de três dezenas de outras publicações. Direitos de reprodução reservados. Parceria entre o Instituto Mais Liberdade e a Foundation for Economic Education. Copyright © Jim Powell, 1996

da vida. Suportaram desgostos relacionados com homens – uma permaneceu num casamento que se tornou estéril, as outras divorciaram-se e nunca voltaram a casar.

Estas mulheres – Rose Wilder Lane, Isabel Paterson e Ayn Rand –, de raízes tão humildes, publicaram livros marcantes no mesmo ano, 1943: *The Discovery of Freedom*, *The God of the Machine*, e *The Fountainhead*, respetivamente. Estas mulheres, recorda o jornalista John Chamberlain, “deitando olhares escarnecedores à comunidade empresarial masculina, haviam decidido reacender a fé numa filosofia americana mais antiga. Não havia uma economista entre elas. E nenhuma delas era doutorada.” Como declarou Albert Jay Nock, “Elas fazem-nos a todos nós, autores masculinos, parecer dinheiro da Confederação.<sup>2</sup> Não se atrapalham, nem fazem rodeios – cada golpe é certo.”

## Rose Wilder Lane

Tal como as suas compatriotas, Rose Wilder Lane surpreendeu. Certa vez descreveu-se dizendo “Sou uma mulher roliça, do centro-oeste, de classe média e de meia-idade.” Tinha os dentes estragados, o seu casamento havia falhado, trabalhava para sustentar os seus pais que envelheciam e a certa altura, durante os anos 30, passou por dificuldades financeiras tais, que lhe cortaram a eletricidade. Contudo, levantou-se com grande eloquência, ajudando a reavivar os princípios radicais da Revolução Americana, e inspirou milhões de adultos e crianças enquanto editora dos adorados livros “*Little House*”, sobre responsabilidade individual, trabalho árduo, persistência, famílias resistentes, e liberdade humana.

Rose Wilder Lane nasceu a 5 de dezembro de 1886, perto de De Smet, no Dakota Territory<sup>3</sup>. O seu pai, Almanzo Wilder, e a sua mãe, Laura Ingalls, eram agricultores pobres, devastados pela seca, pelas tempestades de granizo, e outras calamidades que arruinavam as colheitas. Durante anos a família viveu numa cabana sem janelas. Falhavam muitas refeições. A sua filha, a quem deram o nome das rosas bravas [“wild roses”] que floresciam na pradaria, andava muitas vezes descalça.

Quando Lane tinha quatro anos, a família desistiu do Dakota e mudou-se para Mansfield, no Missouri, que oferecia melhores perspetivas agrícolas. Rose passou a frequentar uma escola de tijolo encarnado, com quatro salas, que tinha duas estantes

---

<sup>2</sup> Os dólares dos Estados Confederados começaram a ser emitidos pouco antes da Guerra Civil Americana e perderam todo o seu valor à medida que a derrota dos seus emissores se foi tornando evidente. (N.T.)

<sup>3</sup> Território que antecedeu os Estados do Dakota do Norte e Dakota do Sul. (N.T.)

de livros, onde descobriu as maravilhas de Charles Dickens, Jane Austen e Edward Gibbon. Os famosos *Readers*, compilados pelo antigo presidente do Cincinnati College, William Holmes McGuffey, tornaram-se no seu pilar fundamental. McGuffey transmitia lições morais, ao mesmo tempo que ensinava os fundamentos da leitura e expunha as mentes jovens a muitos dos grandes autores da civilização ocidental.

“Não gostávamos de disciplina,” recordou Lane, “então sofremos até nos disciplinarmos. Víamos muitas coisas e muitas oportunidades que desejávamos ardentemente mas que não podíamos pagar, e por isso não as tínhamos, ou só as tínhamos após esforços e sacrifícios estupendos e arrasadores, pois a dívida era muito mais dura de suportar do que as privações. Eramos honestos, não porque a pecaminosa natureza humana o quisesse, mas porque as consequências da desonestidade eram excessivamente dolorosas. Estava claro que se a tua palavra não servisse de compromisso, então o teu compromisso não valia de nada, e portanto tu não valias nada... aprendemos que é impossível conseguir algo a troco de nada...”

Lane desistiu da escola após o nono ano e resolveu que havia de arranjar maneira de ver o mundo para lá do Missouri rural. Apanhou um comboio para Kansas City e aceitou um trabalho como operadora de telégrafo, no turno da noite da Western Union. Passava a maioria do seu tempo livre a ler, talvez três horas por dia. Em 1908, mudou-se para São Francisco, com outro emprego na Western Union e em romance com Gilette Lane, um vendedor. Casaram em março de 1909. Engravidou, mas teve um aborto espontâneo ou possivelmente um nado-morto. Tornou-se-lhe impossível voltar a conceber.

Em 1915, o casamento tinha acabado, mas Gilette Lane arranjou-lhe um trabalho como jornalista, através dos seus contactos. Rose Wilder Lane começou a escrever para o *San Francisco Bulletin*, um jornal trabalhista radical. Começou por escrever uma coluna feminina, e depois uma série diária de perfis de personalidades com 1500 palavras. Escreveu ainda um romance autobiográfico, serializado na revista *Sunset*.

Em março de 1920, a Cruz Vermelha convidou-a para viajar pela Europa e reportar os seus trabalhos de caridade, para que potenciais doadores – de cujo apoio dependiam – tomassem conhecimento das boas ações da organização. Baseada em Paris, viajou para Viena, Berlim, Praga, Varsóvia, Budapeste, Roma, Sarajevo, Dubrovnik, Tirana, Trieste, Atenas, Cairo, Damasco, Bagdad e Constantinopla. Lane imaginara que a Europa constituía a grande esperança para a civilização, mas, em vez disso, deparou-se com corrupção burocrática, fugiu de bandidos, suportou a inflação desenfreada e

testemunhou horrores de guerras civis, e as sombras da tirania implacável, que então escureciam.

Lane visitou a União Soviética quatro anos após os bolcheviques tomarem o poder. Como muitos, estava encantada pela visão comunista de uma vida melhor. Conheceu camponeses, que esperava que estivessem extasiados com o Comunismo. Porém, como reportou mais tarde, “O meu anfitrião estremeceu-me pela força com que afirmou não gostar do novo governo... Queixava-se da interferência do governo nos assuntos da aldeia. Ele protestava contra a crescente burocracia que retirava mais e mais homens do trabalho produtivo. Previa caos e sofrimento, que seriam causados pela centralização do poder económico em Moscovo... Quando saí da União Soviética, já não era comunista, pois acreditava na liberdade pessoal.”

Após regressar à América, a sua carreira floresceu, escrevendo para *The American Mercury*, *Country Gentleman*, *Good Housekeeping*, *Harper's*, *Ladies' Home Journal*, *McCall's*, e para o *Saturday Evening Post*, entre outros. Lane escreveu ainda romances sobre a vida dos pioneiros americanos. A famosa atriz Helen Hayes dramatizou um dos seus romances, *Let the Hurricane Roar*, na rádio. Mas Lane viu-se financeiramente devastada durante a Grande Depressão. Em 1931, lamentava, “Tenho quarenta e cinco anos. Devo 8000 dólares. Tenho 502,70 dólares no banco... Nenhuma das minhas intenções alguma vez se realizou.”

Em 1936, Lane escreveu “Credo”, um artigo de 18 000 palavras sobre a liberdade, para o *Sunday Evening Post*. Três anos mais tarde, Leonard Read, diretor-geral da Câmara do Comércio de Los Angeles, ajudou a estabelecer uma pequena editora chamada Pamphleteers, que reeditou o artigo de Lane, sob o título *Give Me Liberty* [“Dai-me Liberdade”].

Nele, Lane explicou como a livre concorrência permite que a civilização floresça, apesar dos patifes. “Não tenho ilusões acerca dos pioneiros americanos,” escreveu. “Em geral, eram desordeiros das classes mais baixas e a Europa estava feliz por se ver livre deles. Não trouxeram uma abundância de inteligência ou cultura. O seu desejo principal era fazer o que queriam... [Ainda assim,] os americanos hoje... são as pessoas mais bondosas à face da terra... Só os americanos despejam riqueza pelo mundo fora, aliviando sofrimento em lugares tão distantes quanto a Arménia e o Japão... Tais são alguns dos valores humanos que cresceram do individualismo enquanto o individualismo criava esta nação.”

## A Descoberta da Liberdade

Em 1942, um editor da John Day Company pediu a Lane que escrevesse um livro sobre liberdade. Lane começou esse trabalho num parque de caravanas em McAllen, no Texas, numa viagem ao Sudoeste. Escreveu pelo menos duas versões, já em sua casa, em Danbury, no Connecticut. O seu livro, *The Discovery of Freedom: Man's Struggle Against Authority* ["A Descoberta da Liberdade: A Luta do Homem Contra a Autoridade"], foi publicado em 1943.

Enquanto a maioria dos historiadores se foca nos líderes, Lane relatou a épica luta de seis mil anos das pessoas comuns, que desafiaram os seus líderes para criarem famílias, produzirem alimentos, construírem indústrias, fazerem negócios e, de inúmeras maneiras, melhorarem a vida humana. Assim, foi lírica em relação à Revolução Americana, que ajudou a assegurar a liberdade e desencadeou uma fenomenal motivação para o progresso humano.

Com uma prosa agitada, por vezes melodramática, a escritora atacou uma miríade de influências coletivistas, incluindo as escolas públicas e as regulamentações económicas chamadas "progressistas". Ridicularizou as afirmações de que os burocratas podiam fazer mais pelos indivíduos do que eles podiam fazer por si próprios. Lane afastava a tristeza com a sua gigantesca autoconfiança. "Cinco gerações de americanos lideraram a revolução," declarou, "e está a chegar o momento em que os americanos libertarão todo o mundo."

O individualista Albert Jay Nock enalteceu o livro, mas Lane estava insatisfeita e recusou autorizar a sua reimpressão. Nunca chegou a completar outra edição. Apenas mil cópias foram impressas durante a sua vida.

Não obstante, *The Discovery of Freedom* teve um grande impacto, circulando como um clássico obscuro. Este contribuiu para inspirar o lançamento de várias organizações na promoção da liberdade. Entre elas, a Foundation for Economic Education de Leonard Read, o Institute for Humane Studies de F.A. Harper e a Freedom School de Robert M. Lefevre. Read contratou o especialista comercial da General Motors, Henry Grady Weaver, para adaptar o livro em *The Mainspring of Human Progress* ["A Nascente do Progresso Humano"], e centenas de milhares de exemplares foram distribuídos pela FEE.

## Os livros *Little House*

Embora *The Discovery of Freedom* tenha sido um documento basilar do movimento libertário moderno, Lane tinha, porventura, uma maior vocação para os bastidores. Em 1930, Laura Ingalls Wilder entregou-lhe um manuscrito acerca da sua juventude, desde o Wisconsin ao Kansas e ao Dakota. Lane eliminou o material sobre o Wisconsin e, de seguida, trabalhou em duas versões do restante material, dando corpo à história e às personagens. Isto deu origem a um manuscrito de cem páginas, provisoriamente intitulado *Pioneer Girl* [“A Rapariga Pioneira”], que Lane enviou ao seu agente literário, Carl Brandt. O material sobre o Wisconsin originou uma história de vinte páginas, “*When Grandma Was a Little Girl*,” um possível texto para um livro ilustrado para crianças. Uma editora sugeriu que a história fosse ampliada para um livro de 25 000 palavras para jovens leitores.

Lane transmitiu as notícias à sua mãe e, visto que o manuscrito original havia sido reescrito para lá do reconhecível, explicou-lhe, “Como verás, são as histórias do teu pai, retiradas e reunidas a partir do longo manuscrito *Pioneer Girl*.” Lane especificou o material adicional de que precisava, acrescentando: “Se te for mais fácil escrever na primeira pessoa, escreve dessa forma. Eu alterá-lo-ei mais tarde para a terceira pessoa.” Lane assegurou à mãe que a colaboração permaneceria um segredo de família: “Não disse nada sobre o manuscrito ter passado pela minha máquina de escrever...” A 27 de maio de 1931, o livro juvenil estava pronto, e Lane enviou-o para editoras. A Harper Brothers editou-o com o nome *Little House in the Big Woods* [“Uma Pequena Casa nos Grandes Bosques”], que se tornou numa adorada história americana.

Em janeiro de 1933, a mãe entregou-lhe *Farmer Boy*, um manuscrito sobre as recordações de infância de Almanzo. Este havia já sido rejeitado por editoras, presumivelmente por ser, no essencial, um relato de habilidades agrícolas. Lane passou um mês a transformá-lo numa história de carne e osso, e a Harper’s comprou-o. No ano seguinte, Wilder entregou a Lane um manuscrito sobre a sua vida no Kansas, e ela passou cinco semanas a reescrevê-lo, para o que viria a ser *Little House on the Prairie* [“Uma Casa na Pradaria”].

Os livros começaram a gerar rendimentos significativos para os Wilder, um alívio para Lane, cujo objetivo era ajudá-los a ter segurança financeira. Wilder ampliou parte de *Pioneer Girl* num outro manuscrito e entregou-o a Lane, no verão de 1936. “Escrevi-te os porquês da história como a escrevi,” explicou Wilder. “Mas sabes que o teu discernimento é melhor do que o meu, por isso o que decidires é o que ficará.” Lane

passou dois meses a reescrevê-lo e redigiu uma carta para o seu agente literário, pedindo melhores condições. Este manuscrito tornou-se em *On the Banks of Plum Creek* [“Nas Margens de Plum Creek”]. Lane passou a maior parte de 1939 a reescrever o manuscrito de *By the Shores of Silver Lake* [“Nas Margens do Lago de Prata”]; em 1940, *The Long Winter* [“O Longo Inverno”]; em 1941, *Little Town on the Prairie* [“Uma Cidade na Pradaria”]; e em 1942, *These Happy Golden Years* [“Estes Felizes Anos Dourados”].

Em especial nos seus livros mais tardios, Lane retratou a jovem Laura Ingalls Wilder como uma heroína libertária. Por exemplo, em *Uma Casa na Pradaria*, descreveu os pensamentos da mãe da seguinte forma: “Os americanos são livres. Isso significa que têm de obedecer às suas próprias consciências. Nenhum rei manda no meu pai, ele tem de mandar em si próprio. Então (pensou ela), quando eu for um pouco mais velha, o pai e a mãe vão deixar de dizer-me o que fazer, e não há mais ninguém que tenha o direito de dar-me ordens. Vou ter de me obrigar a ser boa.”

Em 1974, a NBC começou a adaptar os livros *Little House* para uma série de televisão enormemente popular, exibida durante nove anos, que resultou em mais de 200 episódios. Depois, veio o contrato que assegurava que seria exibida sucessivas vezes, durante, pelo menos, o próximo quarto de século. Michael Landon escreveu e realizou muitos dos episódios e interpretou o pai de Laura, Charles Ingalls.<sup>4</sup>

O último sucesso de Lane foi um livro acerca do bordado americano, o qual transformou num hino à liberdade. “O bordado americano diz-te,” continuou “que os americanos vivem na única sociedade sem classes. Esta república é o único país que não tem bordado camponês.... As mulheres americanas... descartaram os fundos, descartaram as bordas, os contornos. Fizeram com que os detalhes criassem o todo, e colocaram cada detalhe num espaço sem fronteiras, só, independente, completo.”

## Isabel Paterson

Lane conhecia a jornalista arrojada, irascível, por vezes sem tato, Isabel Bowler Paterson, embora não fossem próximas. Segundo o académico Stephen Cox, Paterson era “uma mulher pequena, de um metro e sessenta, muito míope, uma amante de roupas bonitas e ligeiramente excêntricas. Gostava de comida delicada, bebia um pouco, era devota da natureza, podendo passar todo o dia a ver uma árvore crescer...”

---

<sup>4</sup> Em Portugal, a série “Uma Casa na Pradaria” passou na televisão a partir de 1980. (N.T.)

Paterson agarrava-se teimosamente às suas convicções e dizia o que pensava acerca de um assunto a quem a quisesse ouvir. As conversas dominantes tendiam a limitar a sua vida social, especialmente quando se tornou dissidente contra a intervenção governamental do New Deal, mas tinha algumas amizades sólidas. Uma delas comentou que “quem a consegue suportar, acaba por gostar muito dela.”

Paterson escreveu romances e cerca de mil e duzentas colunas de jornal, mas foi *The God of the Machine* [“O Deus da Máquina”] que lhe assegurou a imortalidade na história da liberdade. Constituiu um ataque poderoso ao coletivismo e explicou a extraordinária dinâmica dos mercados livres.

Isabel Paterson nasceu a 22 de janeiro de 1886, em Manitoulin Island, no Ontario. Os seus pais, Francis e Margaret Bowler, eram agricultores pobres que se mudaram para o Michigan, depois para o Utah e para Alberta, em busca de melhor sorte. Paterson fazia sabão, cuidava do gado e frequentou a escola durante apenas dois anos. Contudo, lia em casa, incluindo a Bíblia, algum Shakespeare e romances de Charles Dickens e Alexandre Dumas.

Aos dezoito anos, aproximadamente, partiu por sua conta. Trabalhou como empregada de mesa, contabilista, e estenógrafa, recebendo 20 dólares por mês. Orgulhava-se de ser independente. “Ouve, minha menina,” disse a uma jornalista, “o teu ordenado é o teu pai e a tua mãe; por outras palavras, respeita-o.”

Em 1910, com vinte e quatro anos, casou-se com Kenneth Birrel Paterson, mas a relação azedou, e separaram-se após poucos anos. Raramente voltaria a falar dele. Estava mais determinada do que nunca a manter a sua independência.

Paterson já tinha escrito um pouco nos tempos livres, para aliviar o aborrecimento, e quando foi trabalhar para um editor de jornais, em Spokane, Washington, começou a escrever os seus editoriais. Escreveu crítica de teatro para dois jornais de Vancouver. Depois, ficção – o seu primeiro romance, *The Shadow Riders*, foi publicado em 1916, e *The Magpie’s Nest*, no ano seguinte. Ambos são acerca de jovens mulheres que lutam para conquistar a independência. Embora o Canadá se tivesse tornado uma nação protecionista, Paterson deixou claro, em *The Shadow Riders*, que era a favor do comércio livre.

Paterson mudou-se para Este, após a Primeira Guerra Mundial, e começou a ler grande parte da New York Public Library. Em 1922, persuadiu o editor literário do *New York Tribune* a dar-lhe um emprego, embora ele não gostasse dela. “Ela disse muito



diretamente que queria o emprego,” recordou Rascoe. “Eu disse-lhe que o meu orçamento não me permitiria pagar-lhe o que ela valia. Ela disse que trabalharia pelo valor que eu estivesse preparado para pagar. Eu disse que o ordenado era quarenta dólares por semana. Ela aceitou.”

Em 1924, Isabel Paterson começou a escrever uma coluna semanal sobre livros, que esta tornou-se num influente fórum durante o seguinte quarto de século. Paterson usava os livros como ponto de partida para falar de praticamente qualquer assunto. Muitas das colunas afirmavam o seu compromisso para com o individualismo americano. Atacava sociedades coletivistas baseadas em estatuto e defendia o capitalismo dinâmico. Denunciou o intervencionismo de Herber Hoover e o New Deal de Franklin Roosevelt.

## O Deus da Máquina

Muitas das colunas de Isabel Paterson exploravam os temas que viriam a ser a base para *O Deus da Máquina*, publicado pela Putnam's em maio de 1943. Paterson atacava o fascismo, o Nazismo e o Comunismo como variantes do mesmo mal, o coletivismo. Reservou alguns dos seus golpes mais eloquentes para Estaline, que encantava muitos intelectuais. Alguém que imagine que os horrores socialistas só foram expostos recentemente chocar-se-á ao ver a clareza com que Paterson entendia que coletivismo significa sempre estagnação, corrupção e escravatura.

Há muito mais neste livro tremendo. Paterson ofereceu uma visão global da história da liberdade, deixando muito claras as razões pelas quais a liberdade pessoal é impossível sem que haja liberdade política. Paterson defendia os imigrantes e condenava o recrutamento militar, o planeamento económico central, a sindicalização obrigatória, os subsídios a empresas, o papel-moeda e as escolas públicas obrigatórias. Muito antes da maioria dos economistas, Isabel Paterson explicou como as políticas do New Deal prolongaram a Grande Depressão.

Paterson celebrava os empreendedores privados, que são a fonte primária do progresso humano. Por exemplo: “Tudo o que foi criado pela iniciativa privada na ferrovia trouxe satisfação. A iniciativa privada extraiu, fundiu e forjou o ferro, inventou a máquina a vapor, conceptualizou os instrumentos de prospeção, produziu e acumulou o capital, organizou os esforços. Na construção e operação das ferrovias, o que quer que estivesse na esfera da iniciativa privada, foi feito com competência... O que as pessoas odiaram foi o monopólio. O monopólio, e nada mais, foi a contribuição política.”

Em 1949, as suas visões libertárias revelaram-se demasiado fortes para os editores do *New York Herald Tribune*, e foi despedida. Não obstante, Paterson expressou gratidão, dizendo que o jornal havia provavelmente publicado mais do seu trabalho do que qualquer outra publicação teria tolerado. Deram-lhe uma pequena pensão, e ela desenrascou-se investindo as suas poupanças em imobiliário. Paterson recusou a Segurança Social, devolvendo o seu cartão num envelope endereçado à “Vigiarice da Segurança Social”.

Entretanto, Paterson tornara-se no ponto focal do movimento libertário que então se formava. Por exemplo, após Leonard Read ter fundado a Foundation for Economic Education, Paterson apresentou-o ao influente jornalista John Chamberlain, a quem Paterson havia ajudado a converter em libertário, e daí floresceu uma colaboração que duraria décadas.

Na década de 1940, Paterson serviu de mentora a Ayn Rand, natural da Rússia, que, dezanove anos mais nova, se juntava a ela semanalmente enquanto revia as páginas tipografadas das suas críticas literárias para o *Herald Tribune*. Isabel Paterson apresentou a Rand muitos livros e ideias sobre história, economia e filosofia política, e ajudou-a a desenvolver uma visão mais sofisticada do mundo. Quando o livro de Rand, *The Fountainhead* [“A Nascente”], foi publicado, Paterson promoveu-o em várias colunas do *Herald Tribune*. Os livros de Rand viriam a ultrapassar os de Paterson — e os de praticamente todos os outros autores—vendendo cerca de 20 milhões de exemplares.

## Ayn Rand

Rand tinha uma presença marcante. A biógrafa Barbara Branden descreveu-a, na sua chegada à América aos vinte e um anos, da seguinte forma: “Emoldurada pelo cabelo liso e curto, de forma vagamente quadrangular, destacada por um maxilar firme, com uma boca larga e sensual firmemente apertada, os olhos enormes e negros de intensidade, parecia a cara de uma mártire, de uma inquisidora, ou de uma santa. Os olhos ardiam com uma paixão simultaneamente emocional e intelectual – como se pudessem queimar o seu observador e deixar-lhe no corpo uma chama de luz escura.” Na sua vida mais tardia, os hábitos sedentários e de fumadora tiveram o seu preço, mas Rand era ainda inesquecível, como recordou o editor Hiram Haydn: “Uma mulher baixa e quadrada, com o cabelo negro cortado curto e com franja... Os seus olhos eram tão negros como o cabelo, e penetrantes.”

Ayn Rand nasceu Alissa Rosenbaum, a 2 de fevereiro de 1905, em São Petersburgo. O seu pai, Franz Rosenbaum, havia ascendido da pobreza para a classe média como químico. A mãe, Anna, era extrovertida, acreditava em exercício vigoroso e adorava levar uma vida social agitada. Alissa não queria nada com exercício ou festas.

Era precoce. Estudava francês e alemão depois da escola. Inspirada por uma série publicada em revistas, começou a escrever histórias e, aos nove anos, decidiu que seria escritora.

O mundo confortável dos Rosenbaum terminou quando o Czar entrou na Primeira Guerra Mundial, que devastou a economia nacional. Dentro de um ano, mais de um milhão de russos foram mortos ou feridos. O governo faliu. Passava-se fome. Os bolcheviques tiraram partido do caos e tomaram o poder em 1918.

A Revolução Russa estimulou a jovem Alissa a inventar histórias sobre indivíduos heróicos à luta com reis ou com ditadores comunistas. Também nesta altura, descobriu o romancista Vitor Hugo, cujo estilo dramático e heróis imponentes lhe cativou a imaginação. “Estava fascinada com a ideia de vida de Hugo,” recordou. “Era alguém a escrever algo importante. Senti que esse era o tipo de escritora que queria ser, mas não sabia quanto tempo isso iria demorar.”

Na Universidade de Petrogrado, teve aulas com o austero aristotélico Nicholas Lossky, que, como demonstrado pelo académico Chris Sciabarra, teve um enorme impacto na sua forma de pensar. Lia peças de Johann Christoph Friedrich von Schiller (adorava-o) e William Shakespeare (odiava-o), filosofia de Friedrich Nietzsche (pensador provocador) e romances de Fiódor Dostoiévski (escritor de bons enredos). Ficou totalmente cativada por alguns filmes estrangeiros. Teve a sua primeira grande paixão, por um homem chamado Leo, que arriscava a vida para esconder clandestinos anti-bolcheviques.

Em 1925, os Rosenbaum receberam uma carta de uns familiares que haviam emigrado para Chicago há mais de três décadas para fugir ao antissemitismo russo. Alissa expressou então um desejo ardente de ver a América. Os familiares acederam a pagar-lhe a passagem e a responsabilizarem-se financeiramente por ela. Miraculosamente, os oficiais soviéticos concederam-lhe um passaporte para uma visita de seis meses. A dez de fevereiro de 1926, embarcou no navio DeGrasse e chegou a Nova Iorque com 50 dólares.

Em breve se juntou aos seus familiares num exíguo apartamento de Chicago. Via muitos filmes e trabalhava com a sua máquina de escrever – começando, normalmente, por volta da meia-noite, o que fazia com que fosse difícil dormir para os restantes. Durante este período, escolheu um novo nome para si mesma: Ayn, como uma escritora finlandesa que nunca tinha lido, mas gostara do som. E um novo apelido: Rand, como a sua máquina de escrever da Remington Rand. Branden, a sua biógrafa, afirma que Rand pode ter adotado um novo nome a fim de proteger a sua família de uma possível recriminação pelo regime Soviético.

Determinada a tornar-se guionista de cinema, Rand mudou-se para Los Angeles. Através da sua família em Chicago, persuadiu um distribuidor de filmes a escrever uma carta de apresentação a alguém do departamento publicitário do glamoroso estúdio Cecil B. DeMille. Ao entrar no estúdio, conheceu o próprio, e ele levou-a ao *set* da sua atual produção. Rand começou a trabalhar como figurante por 7.50 dólares por dia.

No estúdio de DeMille, Rand apaixonou-se por um ator de olhos azuis, alto e bonito, chamado Frank O'Connor. Casaram-se a quinze de abril de 1929, antes de o seu visto expirar. Rand já não tinha de preocupar-se com o regresso à União Soviética. Dois meses depois, pediu a cidadania americana.

O estúdio DeMille fechou, e Rand arranjou trabalhos invulgares, como por exemplo leitora de guiões freelancer. Provou finalmente algum sucesso em 1935, quando chegou a ganhar 1200 dólares por semana com a sua peça *Night of January 16th*, que subiu ao palco 283 vezes na Broadway. Era acerca de um industrial cruel e da poderosa mulher em julgamento pelo seu homicídio.

## Nós, os Vivos

Rand passou quatro anos a escrever o seu primeiro romance, *We the Living* [“Nós, os Vivos”], acerca da luta para encontrar a liberdade na Rússia Soviética. Kira Argounova, a heroína desesperada, torna-se amante de um dirigente do partido, para poder juntar dinheiro para o tratamento do seu amado, que sofre de tuberculose. Rand terminou o livro em 1933. Após muitas rejeições, a Macmillan aceitou-o e pagou-lhe 250 dólares de adiantamento. A editora publicou três mil cópias em março de 1936, mas o livro não vendeu. Embora o passa-palavra lhe tivesse dado um impulso após aproximadamente um ano, a Macmillan havia destruído os moldes, e *We the Living* deixou de ser impresso. Rand recebera apenas cem dólares em direitos de autor.

Em 1937, enquanto se debatia para desenvolver o enredo de *The Fountainhead*, Rand escreveu um conto lírico e futurista sobre um indivíduo versus uma tirania coletivista – *Anthem* [“Cântico”]. O seu agente literário vendeu-o a uma editora britânica, mas não conseguiu encontrar um comprador no mercado americano. Cerca de sete anos depois, o diretor geral da Câmara do Comércio de Los Angeles, Leonard Read, visitou Rand e O’Connor – que viviam em Nova Iorque – e comentou que alguém deveria escrever um livro a defender o individualismo. Rand falou-lhe de *Anthem* e emprestou-lhe a sua cópia. Read leu-a e a sua pequena editora, a Pamphleteers, disponibilizou o livro nos Estados Unidos. Vendeu cerca de 2.5 milhões de cópias.

## A Nascente

Rand terminou o enredo de *The Fountainhead* [“A Fonte”] em 1938, após quase quatro anos de trabalho. Depois disso, veio a escrita. O seu herói, o arquiteto Howard Roark, representa o homem ideal na visão de Rand. Howard Roark debate-se com os coletivistas que o rodeiam, para defender a integridade das suas ideias, mesmo quando isso significa dinamitar um edifício, por os planos terem sido alterados em violação do seu contrato.

Vender o livro revelou-se duro. O editor de Rand na Macmillan expressou interesse e ofereceu-lhe, mais uma vez, 250 dólares de adiantamento, mas Rand insistiu que a Macmillan gastasse pelo menos 1200 dólares em publicidade, motivo pelo qual a editora desistiu. Por volta de 1940, já uma dúzia de editores haviam visto os capítulos terminados e rejeitado o livro. Um editor influente declarou que o livro nunca venderia. O agente literário de Rand insurgiu-se. Das poupanças da autora, restavam 700 dólares.

Rand sugeriu que o manuscrito parcial fosse submetido à Bobbs-Merrill, uma editora sediada em Indianápolis, que publicara *The Red Decade* [“A Década Vermelha”], pelo jornalista anti comunista Eugene Lyons. Os editores da Bobbs-Merrill em Indianapolis rejeitaram *The Fountainhead*, mas Archibald Ogden, um editor da Bobbs-Merrill em Nova Iorque, adorou-o e ameaçou demitir-se se o livro não fosse aceite. Assinaram o contrato em Dezembro de 1941, pagando mil dólares de adiantamento a Rand. Com dois terços do livro ainda por escrever, Rand focou-se em cumprir o prazo de 1 de janeiro de 1943 para o completar. Deu por si numa corrida amigável com Isabel Paterson, que trabalhava para terminar *The God of the Machine*.

Rand cumpriu o prazo e *The Fountainhead* foi publicado em maio de 1943, no mesmo mês que *The God of the Machine*, cerca de nove anos após ter começado a sonhar o livro. *The Fountainhead* gerou muito mais resenhas do que *We the Living*, mas a maioria dos críticos condenou-o, ou deturpou-o, apresentando-o como sendo um livro sobre arquitetura. Durante algum tempo, a tiragem inicial da Bobbs-Merrill, de 7500 exemplares, andou devagar. O passa-palavra despertou uma onda de interesse, e a editora encomendou uma sucessão de tiragens, de pequena dimensão, em parte devido à escassez de papel causada pela guerra. O livro ganhou ímpeto e chegou às listas de *best-sellers*. Dois anos após a sua publicação, vendeu 100 000 exemplares. Por volta de 1948, tinha vendido 400 000 exemplares. Depois, veio a edição em capa mole da New American Library e *The Fountainhead* viria a vender mais de seis milhões de exemplares.

No dia em que a Warner Brothers concordou em pagar 50 000 dólares pelos direitos cinematográficos de *The Fountainhead*, Rand e O'Connor cometeram uma extravagância e jantaram por sessenta e cinco cêntimos cada, na cafetaria local. Rand lutou pela preservação da integridade do guião e foi, em larga medida, bem-sucedida, embora algumas das suas frases preferidas tenham sido cortadas. O filme, protagonizado por Gary Cooper, Patricia Neal e Raymond Massey, estreou em julho de 1949, lançando o livro mais uma vez para as listas de *best-sellers*.

Algum tempo antes, quando a edição de capa dura tinha acabado de sair, Rand contou a Isabel Paterson quão desiludida estava com a sua receção. Paterson encorajou-a a escrever um livro de não-ficção, acrescentando que Rand tinha o dever de dar a conhecer, mais largamente, as suas opiniões. Rand rebelou-se contra a sugestão de que devia o que quer que fosse a alguém. “E se eu fizesse greve?” perguntou. “E se todas as mentes criativas do mundo fizessem greve?” Este foi o mote do seu último grande trabalho, provisoriamente intitulado *The Strike* [“A Greve”].

## A Revolta de Atlas

Durante cerca de catorze anos, enquanto Rand trabalhava no livro, tudo acerca deste se tornou maior que a vida. O livro é protagonizado pelo seu herói mais famoso, o misterioso John Galt, um físico-inventor que organiza uma greve das pessoas mais produtivas contra os impostos e outras formas de exploração. O livro apresenta Dagny Taggart, a primeira mulher ideal de Rand, que encontra em Galt o seu par. Personagens-chave proferem longos discursos, apresentando as visões filosóficas de Rand acerca de liberdade, dinheiro e sexo – frequentemente o livro parece-se mais com

uma polémica pelo individualismo e capitalismo. Um amigo sugeriu que o título provisório faria muitas pessoas julgar que se tratava de um livro acerca de sindicatos laborais, e Rand abandonou-o. O'Connor encorajou-a a usar o título de um dos capítulos como título para o livro, e este passou a ser *Atlas Shrugged* [“A Revolta de Atlas”].

As ideias de Rand eram tão controversas como sempre foram, mas as vendas de *The Fountainhead* impressionaram algumas editoras de grande dimensão, que a cortejaram por *Atlas Shrugged*. Bennett Cerf, um dos donos da Random House, foi o mais prestável, e Rand recebeu um adiantamento de 50 000 dólares, 15% em direitos de autor, uma primeira edição de pelo menos 75 000 exemplares e um orçamento publicitário de 25 000 dólares. O livro foi publicado a 10 de outubro de 1957.

A maioria dos críticos foi feroz. Granville Hicks, o socialista da velha guarda, fez críticas expressivas no *New York Times*, e outros viram-se também ofendidos pelos ataques de Rand ao coletivismo. A crítica mais histórica de todas acabou por vir da conservadora *National Review*, em que Whittaker Chambers, presumivelmente ofendido pelo seu ataque à religião, comparou Rand a um Nazi “a ordenar: ‘Para a câmara de gás – Já!’” O passa-palavra provou ser mais forte que estes críticos e as vendas começaram a aumentar, acabando por ultrapassar os 4,5 milhões de exemplares.

Com *Atlas Shrugged*, Rand cumpriu os seus sonhos, e ficou deprimida. Estava exausta. Já não tinha um projeto gigante onde focar as suas prodigiosas energias. Apoiou-se cada vez mais no seu discípulo intelectual, Nathaniel Branden, natural do Canadá, com quem havia criado intimidade. Para servir o crescente interesse em torno de Rand, e para ajudar a reavivar o seu espírito, este estabeleceu o Nathaniel Branden Institute, que oferecia seminários, comercializava palestras gravadas e começou a fazer publicações. Rand escrevia artigos sobre o seu ramo de filosofia libertária, a que deu o nome de Objetivismo.

Branden, vinte e cinco anos mais novo que Rand, era por vezes um capataz abrasivo, mas demonstrava uma notável habilidade para promover os ideais do individualismo e do capitalismo. Os bons tempos duraram até 23 de agosto de 1968, quando Branden revelou a Rand o seu envolvimento com outra mulher. Rand condenou-o publicamente e separaram-se, embora as razões nunca tenham sido inteiramente reveladas até à biografia de Bárbara, ex-mulher de Branden, ser publicada, dezoito anos depois. Mais tarde, Branden tornou-se num autor *best-seller*, escrevendo sobre a autoestima.

Ao longo dos últimos cinquenta anos [1946-1996], ninguém fez mais, individualmente, para ganhar adeptos para a liberdade do que Ayn Rand. Os seus livros vendem, segundo as estatísticas, 300 000 exemplares ano após ano, sem que sejam publicitados pelas editoras ou indicados por professores universitários. Na verdade, as suas obras foram até condenadas pela maioria dos intelectuais. A persistência do fascínio por Ayn Rand é um fenómeno impressionante.

## Os anos finais

Rand, Paterson e Lane cruzaram-se pouco ao longo dos anos. Rand and Paterson, ambas ásperas, tiveram uma separação amarga na década de 1940; depois da publicação de *Atlas Shrugged*, Paterson tentou a reconciliação, mas sem sucesso. A sua amizade com Lane havia terminado, aparentemente, com uma qualquer disputa intelectual. Paterson sofria de gota, e outras enfermidades, e foi viver com dois dos amigos que lhe restavam, Ted e Muriel Hall, em Montclair, Nova Jérсия. Aí morreu a 10 de janeiro de 1961, com 74 anos. Foi enterrada numa campa não identificada.

Por essa altura, já Rand e Lane se tinham desavindo por causa da religião. Embora Lane se tivesse mantido ativa durante a vida – a *Woman's Day* enviou-a para o Vietname como sua correspondente, em 1965 – prezava a sua vida no campo, na sua casa em Dansbury, no Connecticut.<sup>5</sup> A 29 de novembro de 1966, cozeu pão para vários dias, e foi para o piso de cima dormir. Nunca acordou. Tinha setenta e nove anos. O seu amigo próximo e herdeiro literário, Roger MacBride, levou as suas cinzas para Mansfield, no Missouri, e enterrou-as junto aos pais. MacBride mandou gravar na modesta lápide de Lane umas palavras de Thomas Paine “Um exército de princípios penetrará onde um exército de soldados não conseguirá entrar. Nem o Canal nem o Reno deterão o seu progresso. Marchará sobre o horizonte do mundo e tudo conquistará.”

Rand tinha-se desavindo com muitos amigos e levou uma vida solitária nos seus últimos anos. Enfrentou uma cirurgia a um cancro do pulmão. Tornou-se mais reservada após a morte de Frank O'Connor em novembro de 1979, alheia a como as suas ideias inspiravam milhões. Dois anos mais tarde, contudo, teve uma visão animadora; o empresário James Blanchard levou-a num comboio privado de Nova

---

<sup>5</sup> Diz-se até que a sua vida recatada no campo e a sua renúncia a escrever mais livros em nome próprio constituíam um protesto contra a injustiça dos impostos sobre o rendimento. (N.T.)



Iorque para Nova Orleães, onde quatro mil pessoas aplaudiram a sua ressonante defesa da liberdade.

O coração de Ayn Rand começou a falhar em dezembro de 1981. Aguentou mais três meses, pedindo ao seu colaborador mais próximo, Leonard Peikoff, para terminar vários projetos. Rand morreu no seu apartamento em Manhattan, no n.º 120, East da 34th Street, em março de 1982. Foi enterrada ao lado de O'Connor em Valhalla, em Nova Iorque, e cerca de duzentos enlutados atiraram flores para o seu caixão. Tinha setenta e sete anos.

Com as suas assumidas excentricidades, Rand, Paterson e Lane foram milagres. Vieram do nada para desafiar corajosamente um mundo corrupto e coletivista. Com uma grande determinação, mostraram-se superiores. Afirmaram o imperativo moral da liberdade. Mostraram que tudo é possível.